

## EDITORIAL

Neste número 16 da Revista Pedagógica, que abre o ano de 2006, três artigos se entrelaçam, fios da reflexão se cruzam para contemplar a temática da linguagem oral e escrita. As contribuições da perspectiva histórico-cultural na dinâmica do desenvolvimento, da aprendizagem e da linguagem são contempladas por Maria Aparecida L. de Aguiar e Emília Carvalho L. Biato. Apoiando-se principalmente em Vigotsky, as autoras destacam, entre outros aspectos, o papel da interação social para a constituição dos conhecimentos e do próprio sujeito, a relevância da significação como característica fundamental do ser social e, portanto, elemento importante nas discussões em torno do ensino da linguagem escrita; o papel do jogo, do gesto e do desenho no desenvolvimento dos sistemas de signos.

Para discutir o processo de apropriação da linguagem escrita pelas crianças e como estas vão tomando consciência das unidades que compõem a linguagem oral, Cláudia Gontijo analisa, primeiramente, trabalhos de alguns autores que têm como foco da pesquisa a relação leitura e consciência fonológica, sinalizando diferenças e discordâncias entre eles. Num segundo momento do texto, apresenta resultados de investigação realizada pela autora, com crianças de 5 anos, ampliando a discussão sobre esta temática. O artigo permite aos leitores um avanço na compreensão do percurso de apropriação da linguagem escrita de como se dá o processo de tomada de consciência das unidades que compõem a linguagem oral e a relação que as crianças estabelecem entre elas e as letras.

Os dois últimos textos da revista apresentam parte do resultado da pesquisa desenvolvida pelos autores durante o processo de doutorado. O texto de Aida Paim busca compreender/analisar a trajetória da construção da Proposta Curricular de Santa Catarina, considerando o contexto histórico-político em que ela emerge. Acompanhando a legislação estadual e nacional produzida no decorrer do período de construção da Proposta Curricular, a autora vai desvendando quais são os sustentáculos das reformas e suas repercussões na educação e como o movimento dos professores por

participação efetiva na formulação da política educacional se destaca com a emergência dos movimentos sociais na década de 80. Elisa Paim vai discutir, partindo da exploração das categorias de Thompson e Walter Benjamin, a idéia do “fazer-se professor”, portadora da concepção de professores-sujeitos, atores sociais. Esta forma de perceber/analisar as práticas desses sujeitos caminha noutra direção, diferente daquela já estabelecida pelos cânones já instituídos de formação do professor, pensando o “fazer-se” a partir das experiências dos sujeitos que estão no processo, com suas vivências, histórias e memórias.

Que esta revista propicie a todos os seus leitores ampliar um pouco mais a compreensão do fazer-se professor.

Maria dos Anjos Lopes Viella  
Coordenadora Editorial